



MANEJO DA DEPRESSÃO EM PACIENTES ONCOLÓGICOS: UMA REVISÃO NARRATIVA

Marcos José Vardier Junior¹, Ana Paula Santos Almeida², Fabrini Bacelar Tardani², Pedro Henrique Fabris Alves², Kássia Costalonga Rodrigues²

REVISÃO NARRATIVA

RESUMO

Pacientes com câncer frequentemente apresentam síndromes depressivas, como depressão maior e menor, mais comuns do que na população geral. Este artigo revisa a prevalência, avaliação e manejo de transtornos depressivos unipolares nesses pacientes, destacando a importância de uma abordagem integrada que considere os aspectos psicológicos e físicos do câncer. A revisão foi realizada entre março e junho de 2024, utilizando bases de dados como PubMed e Medline, resultando na análise de 10 artigos relevantes. Os resultados indicam que a depressão em pacientes oncológicos é associada a pior qualidade de vida, menor adesão ao tratamento e prognóstico clínico desfavorável. A depressão é particularmente prevalente entre pacientes com câncer de mama e idosos, exigindo estratégias de tratamento individualizadas que incluem antidepressivos e terapias psicossociais. A identificação precoce e o manejo adequado da depressão são cruciais para melhorar os resultados oncológicos e a qualidade de vida desses pacientes.

Palavras-chave: Depressão; Câncer; Pacientes; Tratamento.



MANAGEMENT OF DEPRESSION IN ONCOLOGY PATIENTS: A NARRATIVE REVIEW

ABSTRACT

Depressive syndromes, such as major and minor depression, are more common in cancer patients than in the general population. This article reviews the prevalence, assessment, and management of unipolar depressive disorders in these patients, emphasizing the need for an integrated approach that considers the psychological and physical aspects of cancer. The review was conducted between March and June 2024, using databases like PubMed and Medline, resulting in the analysis of 10 relevant articles. The findings indicate that depression in cancer patients is associated with poorer quality of life, lower treatment adherence, and unfavorable clinical prognosis. Depression is particularly prevalent among breast cancer patients and the elderly, requiring individualized treatment strategies that include antidepressants and psychosocial therapies. Early identification and appropriate management of depression are crucial to improving oncological outcomes and the quality of life for these patients.

Keywords: Depression; Cancer; Pacientes; Treatment.

Instituição afiliada:

1. Graduado(a) em Medicina pela Faculdade de Minas (FAMINAS) de Muriaé.
2. Graduando(a) de Medicina da Faculdade de Minas (FAMINAS) de Muriaé.

Dados da publicação: Artigo recebido em 07 de Maio e publicado em 27 de Junho de 2024.

DOI: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n6p1973-1988>

Autor correspondente: Marcos José Vardier Junior

INTRODUÇÃO

Síndromes depressivas, como depressão maior e depressão menor, são mais comuns em pacientes com câncer do que na população em geral. As diretrizes práticas indicam que o tratamento desses transtornos depressivos, bem como dos sintomas subsindrômicos, pode melhorar o bem-estar e a qualidade de vida desses pacientes. A depressão é uma das formas mais frequentes de sofrimento psiquiátrico em pacientes com câncer. O equívoco de que todos os pacientes com câncer estão ou deveriam estar deprimidos pode banalizar seu sofrimento e incapacidade, levando ao subdiagnóstico e ao subtratamento da depressão (RIVEST *et al.*, 2024).

Pacientes oncológicos enfrentam desafios significativos que podem exacerbar ou desencadear sintomas depressivos, incluindo o impacto emocional do diagnóstico, os efeitos adversos do tratamento e as mudanças na qualidade de vida. A prevalência de depressão em pacientes com câncer varia amplamente, influenciada por fatores como o tipo e estágio do câncer, comorbidades, e contextos socioculturais e demográficos. Esse cenário complexo exige uma abordagem de manejo que considere a interseção entre os aspectos psicológicos e físicos do câncer e seu tratamento (RIVEST *et al.*, 2024).

Este artigo revisa as características clínicas, avaliação e tratamento de transtornos depressivos unipolares em pacientes com câncer. São citados separadamente outros transtornos psiquiátricos em pacientes oncológicos, bem como a depressão em alguns subtipos de câncer mais prevalentes e o manejo específico dos transtornos depressivos nestes pacientes (RIVEST *et al.*, 2024).

O termo "depressão" pode ser confuso, referindo-se a um estado de humor transitório, uma síndrome ou um transtorno mental. Existe um continuum de quadros depressivos, desde sintomas subsindrômicos até depressão maior. Além disso, o diagnóstico de câncer pode gerar luto antecipatório, que se distingue da depressão (RIVEST *et al.*, 2024).

A prevalência de depressão em pacientes com câncer varia amplamente devido a diferenças nos métodos de avaliação, critérios diagnósticos e características da população estudada. Estudos indicam que o risco de depressão é duas a quatro vezes maior em pacientes com câncer comparado à população geral. A prevalência de depressão em ambientes de cuidados paliativos é particularmente alta, refletindo o impacto cumulativo da doença avançada e do tratamento oncológico (AYDIN *et al.*, 2021).

Entre os fatores que aumentam o risco de depressão em pacientes com câncer estão a história prévia de depressão, privação social, viver sozinho, comorbidades médicas, dor frequente e mal controlada, estágio avançado do câncer, e comprometimento funcional. Alguns desses fatores podem estar diretamente envolvidos na patogênese das síndromes depressivas nesses pacientes (LOPEZ-RODRIGUEZ *et al.*, 2020).

Portanto, o objetivo deste artigo é fornecer uma revisão abrangente sobre o manejo da depressão em pacientes oncológicos, explorando as características clínicas, os desafios diagnósticos e as estratégias de tratamento eficazes. Buscamos contribuir para a melhora da qualidade de vida desses pacientes por meio de uma compreensão mais profunda e de abordagens de manejo integradas e baseadas em evidências.

METODOLOGIA

Esta revisão narrativa foi realizada no período de março de 2024 a junho de 2024 e foi conduzida por meio de pesquisas nas bases de dados PubMed, Medline, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), UpToDate e LILACS. A busca utilizou os descritores “Depressão”, “Câncer”, “Pacientes”, “Tratamento”, resultando em 1.577 artigos. Esses artigos foram, então, submetidos a critérios de seleção.

Os critérios de inclusão abrangeram artigos nos idiomas inglês, português, espanhol e chinês, publicados entre 2024 e 2019, que tratavam das temáticas propostas para a pesquisa. Foram considerados preferencialmente estudos do tipo revisão sistemática e meta-análise, disponibilizados integralmente. Os critérios de exclusão englobaram artigos duplicados, disponibilizados apenas em forma de resumo e aqueles que não abordavam diretamente a proposta estudada, além de não atenderem aos demais critérios de inclusão.

Após a aplicação dos critérios de seleção, restaram 12 artigos, os quais foram submetidos a uma leitura minuciosa para a coleta de dados. Os resultados foram apresentados de forma descritiva, divididos em categorias temáticas que abordam: a Depressão grave em pacientes com Câncer, a Depressão e Câncer de mama, os Antidepressivos para o tratamento da depressão em pessoas com câncer e a Identificação e tratamento de transtornos depressivos em idosos com câncer.

Como parte do processo, a metodologia incluiu a justificativa para a escolha dos descritores, uma explicação detalhada dos critérios de inclusão e exclusão, bem como

considerações sobre o período de busca e as bases de dados selecionadas. Adicionalmente, a leitura minuciosa dos artigos permitiu uma análise mais aprofundada, enquanto a apresentação dos resultados buscou organizar as descobertas de maneira clara e coerente. Esta metodologia proporciona uma base sólida para a revisão narrativa, destacando a transparência e rigor no processo de seleção e análise dos estudos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A depressão grave é uma condição comum entre pacientes oncológicos, afetando negativamente a qualidade de vida, a adesão ao tratamento e os resultados clínicos. Estudos indicam que a prevalência de depressão em pacientes com câncer varia de 15% a 25%, dependendo do tipo e estágio do câncer, bem como do tratamento recebido. A presença de depressão grave pode agravar os sintomas físicos do câncer, como dor e fadiga, e prejudicar o sistema imunológico, comprometendo a recuperação e a resposta ao tratamento (WALKER *et al.*, 2021).

A depressão é particularmente prevalente entre pacientes com câncer de mama, um dos tipos de câncer mais comuns entre mulheres. Cerca de 20% a 30% das pacientes com câncer de mama apresentam sintomas de depressão em algum momento do tratamento. A relação entre depressão e câncer de mama é bidirecional: enquanto o diagnóstico e o tratamento do câncer podem desencadear episódios depressivos, a depressão preexistente pode afetar a percepção da doença e a adesão ao tratamento. A identificação precoce e o manejo adequado da depressão são cruciais para melhorar os resultados oncológicos e a qualidade de vida dessas pacientes (WANG *et al.*, 2020).

O uso de antidepressivos é uma abordagem comum no tratamento da depressão em pacientes com câncer. Antidepressivos tricíclicos, inibidores seletivos da recaptação de serotonina (ISRS) e inibidores da recaptação de serotonina e noradrenalina (IRSN) são frequentemente prescritos. A escolha do antidepressivo depende de vários fatores, incluindo o perfil de efeitos colaterais, as interações medicamentosas com a quimioterapia e as comorbidades do paciente. Estudos sugerem que os antidepressivos podem aliviar significativamente os sintomas de depressão e melhorar a adesão ao tratamento oncológico, embora a resposta ao tratamento possa variar (VITA *et al.*, 2023).

A identificação e o tratamento de transtornos depressivos em idosos com câncer representam um desafio significativo devido à complexidade clínica e à presença de múltiplas comorbidades. A depressão em pacientes idosos com câncer muitas vezes é subdiagnosticada e subtratada, devido à sobreposição de sintomas depressivos com os efeitos do envelhecimento e do câncer. Avaliações regulares e abrangentes da saúde mental são essenciais para identificar a depressão nesses pacientes. O tratamento pode incluir intervenções farmacológicas, como antidepressivos, e não farmacológicas, como psicoterapia e suporte social, adaptadas às necessidades específicas dos idosos. Uma abordagem multidisciplinar é recomendada para garantir o manejo adequado dos sintomas depressivos e a melhoria da qualidade de vida (SARACINO; NELSON, 2019).

Esses tópicos destacam a importância de uma abordagem abrangente e individualizada para o manejo da depressão em pacientes oncológicos, considerando as peculiaridades de cada grupo e os desafios específicos que apresentam.

Depressão grave em pacientes com Câncer

A depressão grave é uma comorbidade comum entre pacientes oncológicos e sua presença tem sido associada a um pior prognóstico. Diversos estudos sugerem que pacientes com depressão maior apresentam uma sobrevivência reduzida em comparação com aqueles que não sofrem desse transtorno. No entanto, a investigação sobre essa associação tem enfrentado críticas metodológicas significativas, incluindo o uso de amostras pequenas e não representativas, diagnósticos de câncer baseados em autorrelatos, métodos inadequados de diagnóstico de depressão e acompanhamento incompleto da sobrevida dos pacientes (WALKER *et al.*, 2021).

Um estudo recente, metodologicamente robusto, procurou abordar essas limitações. Analisando dados de uma grande coorte de pacientes com câncer de mama, colorretal, ginecológico, de pulmão e de próstata, os pesquisadores utilizaram um procedimento de triagem em dois estágios para depressão maior, que incluía tanto questionários de autoavaliação quanto entrevistas diagnósticas estruturadas. Essa abordagem garantiu uma identificação mais precisa dos casos de depressão maior, permitindo uma análise detalhada da sua relação com a sobrevida dos pacientes (WALKER *et al.*, 2021).

Os resultados indicaram uma associação consistente entre a depressão maior e a pior

sobrevida, independentemente do tipo de câncer. Mesmo após ajustar para potenciais fatores de confusão, como idade, sexo, privação social e gravidade do câncer, a depressão permaneceu um preditor significativo de redução na sobrevivência. Essa associação foi observada para todos os tipos de câncer estudados, sugerindo que a depressão maior pode ter um impacto negativo generalizado na trajetória clínica dos pacientes oncológicos (WALKER *et al.*, 2021).

Embora o mecanismo exato dessa associação ainda não seja completamente compreendido, algumas hipóteses foram levantadas. Uma possibilidade é que a depressão afete diretamente o comportamento do paciente, reduzindo a adesão aos tratamentos oncológicos e, conseqüentemente, comprometendo a eficácia terapêutica. Além disso, fatores biológicos comuns, como a inflamação e o estresse, podem contribuir tanto para o desenvolvimento da depressão quanto para a progressão do câncer (WALKER *et al.*, 2021).

É importante notar que, embora a associação entre depressão maior e pior sobrevida seja consistente, ainda não há evidências claras de que o tratamento da depressão em pacientes oncológicos melhore a sobrevivência. No entanto, o manejo adequado da depressão tem mostrado melhorar significativamente a qualidade de vida dos pacientes, o que por si só justifica a identificação e o tratamento ativo desse transtorno em indivíduos com câncer (REANGSING; PUNSUWUN; KELLER, 2023).

Em suma, a presença de depressão maior em pacientes com câncer está claramente associada a um prognóstico menos favorável. Isso destaca a importância de uma abordagem integrada no tratamento oncológico, onde a saúde mental é considerada um componente crucial do cuidado holístico ao paciente. Estudos futuros devem continuar a explorar os mecanismos subjacentes a essa associação e avaliar se intervenções direcionadas à depressão podem impactar positivamente a sobrevida desses pacientes (REANGSING; PUNSUWUN; KELLER, 2023).

Depressão e Câncer de mama

A relação entre depressão e câncer de mama (CM) é um tópico de grande relevância, dada a alta prevalência dessas condições entre mulheres e seu impacto significativo na saúde global. Estudos anteriores indicam que indivíduos com transtornos mentais, como a

depressão, apresentam um risco aumentado para diversas condições médicas subsequentes, incluindo o câncer de mama (WU *et al.*, 2023).

A análise observacional realizada com dados do UK Biobank sugere que a depressão pode estar associada a um risco aumentado de desenvolver câncer de mama. Durante o período de acompanhamento, foi observado que pacientes com depressão tinham uma maior incidência de câncer de mama em comparação com indivíduos sem depressão. No entanto, a magnitude dessa associação variou dependendo dos ajustes para fatores sociodemográficos e de estilo de vida (WU *et al.*, 2023).

A investigação genética revelou uma correlação positiva entre a depressão e o câncer de mama, indicando uma possível base genética compartilhada entre essas condições. Diversas regiões genômicas específicas, incluindo loci nos cromossomos 6 e 9, mostraram evidências de correlação genética local significativa. Esses achados sugerem que fatores genéticos podem contribuir tanto para a susceptibilidade à depressão quanto ao câncer de mama (WU *et al.*, 2023).

Os mecanismos biológicos que podem explicar a relação entre depressão e câncer de mama incluem a inflamação crônica, o estresse oxidativo, a disfunção do sistema imunológico e a ativação do eixo hipotálamo-hipófise-adrenal. A inflamação e o estresse oxidativo podem promover um ambiente que favorece o desenvolvimento e a progressão do câncer, enquanto a disfunção do sistema imunológico pode reduzir a vigilância contra células cancerígenas (WANG *et al.*, 2020).

A análise pleiotrópica identificou vários loci genéticos que influenciam tanto a depressão quanto o câncer de mama. Esses loci incluem genes envolvidos no desenvolvimento neural, funções cerebrais e processos biológicos relacionados ao crescimento tumoral e resposta imune. Além disso, a randomização mendeliana sugeriu que a depressão pode ter um efeito causal sobre o risco de câncer de mama, mas não o contrário. Isso significa que a predisposição genética para a depressão pode aumentar a probabilidade de desenvolver câncer de mama, mas o câncer de mama não parece influenciar o risco de depressão (WANG *et al.*, 2020).

Esses achados destacam a importância de uma abordagem integrada no manejo de pacientes oncológicos que também sofrem de depressão. Identificar e tratar a depressão em pacientes com câncer de mama pode não apenas melhorar a qualidade de vida desses pacientes, mas também potencialmente influenciar o curso da doença. Estratégias que

abordem os fatores biológicos e psicossociais podem ser cruciais para um tratamento mais eficaz e holístico (WANG *et al.*, 2020).

A evidência de uma base genética compartilhada e de uma possível relação causal entre depressão e câncer de mama sugere que intervenções direcionadas a mecanismos biológicos comuns podem ser benéficas. Futuras pesquisas devem focar em detalhar esses mecanismos e desenvolver estratégias de prevenção e tratamento que considerem tanto os aspectos psicológicos quanto os biológicos dessas condições. Estudos adicionais são necessários para confirmar esses achados e explorar suas implicações clínicas em maior profundidade (BIPARVA *et al.*, 2023).

Antidepressivos para o tratamento da depressão em pessoas com câncer

O manejo da depressão em pacientes oncológicos frequentemente inclui o uso de antidepressivos, que se mostram eficazes tanto na melhora do humor quanto na qualidade de vida desses indivíduos. Estudos destacam a eficácia dos inibidores seletivos da recaptação de serotonina (ISRS), como a sertralina e o citalopram, e dos inibidores da recaptação de serotonina e noradrenalina (IRSN), como a venlafaxina e a duloxetina. Esses medicamentos são preferidos devido ao seu perfil de efeitos colaterais mais manejáveis em comparação com antidepressivos tricíclicos (VITA *et al.*, 2023).

Os ISRSs são frequentemente escolhidos como primeira linha de tratamento devido à sua segurança e tolerabilidade. Sertralina e citalopram, em particular, têm mostrado eficácia significativa na redução dos sintomas depressivos em pacientes oncológicos, sem interferir negativamente nos tratamentos antineoplásicos. Por outro lado, os IRSNs, como a venlafaxina e a duloxetina, além de atuarem nos sintomas depressivos, também são eficazes no controle da dor neuropática, um sintoma comum em pacientes com câncer (VITA *et al.*, 2023).

Antidepressivos tricíclicos, como a amitriptilina, embora eficazes, são menos utilizados devido aos seus efeitos colaterais, que incluem sedação excessiva, hipotensão ortostática e risco de arritmias, especialmente em pacientes idosos ou com comorbidades cardiovasculares. No entanto, podem ser considerados em casos específicos onde os pacientes não respondem a outras classes de antidepressivos (VITA *et al.*, 2023).

A escolha do antidepressivo ideal deve considerar não apenas a eficácia, mas também o perfil de efeitos colaterais, interações medicamentosas e as condições clínicas do paciente.

O tratamento deve ser individualizado, levando em conta as necessidades e respostas terapêuticas de cada paciente, além de um acompanhamento rigoroso para ajustes necessários (VITA *et al.*, 2023).

O uso combinado de antidepressivos e terapias psicossociais, como a terapia cognitivo-comportamental, tem mostrado resultados promissores, sugerindo que uma abordagem multimodal pode ser benéfica. Pesquisas indicam que a integração de tratamentos farmacológicos e não farmacológicos é essencial para uma abordagem holística e eficaz no manejo da depressão em pacientes com câncer (CARAYOL *et al.*, 2019).

Portanto, os antidepressivos desempenham um papel crucial no tratamento da depressão em pacientes oncológicos, contribuindo para a melhora do bem-estar geral e da adesão ao tratamento oncológico. A personalização do tratamento e o monitoramento contínuo são fundamentais para otimizar os resultados terapêuticos e minimizar os efeitos adversos (CARAYOL *et al.*, 2019).

Identificação e tratamento de transtornos depressivos em idosos com câncer

O crescente número de idosos vivendo com câncer inclui subgrupos vulneráveis que enfrentam sintomas depressivos ao longo do tratamento oncológico. A depressão pode levar à diminuição da qualidade de vida, má adesão ao tratamento, aumento do tempo de hospitalização e, em casos graves, ao suicídio. Assim, é crucial que médicos oncologistas sejam capacitados para identificar e tratar as preocupações de saúde mental de seus pacientes mais velhos (SARACINO; NELSON, 2019).

A depressão em idosos pode surgir devido a uma combinação de fatores como luto, declínio cognitivo, doenças crônicas e alterações neurobiológicas. No entanto, é importante destacar que a depressão não é uma parte normal do envelhecimento. A prevalência do Transtorno Depressivo Maior (TDM) em idosos varia, sendo mais comum em residentes de instituições de cuidados de longa permanência e aumenta significativamente em pacientes com 80 anos ou mais. Além disso, mesmo formas menos graves de depressão podem causar comprometimento significativo na qualidade de vida e devem ser tratadas com atenção (SARACINO; NELSON, 2019).

A identificação de depressão em pacientes idosos com câncer é desafiadora devido à sobreposição de sintomas entre a depressão e os efeitos do câncer ou de seu tratamento.

Sintomas como perda de apetite, distúrbios do sono, fadiga e dificuldades de concentração podem ser atribuídos tanto à depressão quanto ao câncer. Além disso, a normalização inadequada dos sintomas depressivos e a pressão para "pensar positivamente" podem dificultar o diagnóstico e tratamento adequados (SARACINO; NELSON, 2019).

Ao avaliar a depressão em idosos, é fundamental considerar um espectro de transtornos depressivos, incluindo depressão menor e sintomas subliminares que, embora não atinjam o limiar para TDM, são clinicamente significativos. Esses casos devem ser cuidadosamente monitorados e tratados, pois estão associados a aumento da incapacidade, morbidade e mortalidade (SARACINO; NELSON, 2019).

Barreiras práticas, como limitações de tempo e recursos, também dificultam a identificação e tratamento da depressão em idosos com câncer. Oncologistas precisam integrar a triagem da depressão nos cuidados de rotina sem interromper significativamente suas práticas. A implementação de uma avaliação geriátrica abrangente, que inclua medidas de rastreio da depressão, é essencial para identificar sintomas preocupantes (MARINOVIC; HUNTER, 2022).

A história psiquiátrica do paciente deve ser cuidadosamente avaliada, pois uma história de depressão antes do diagnóstico de câncer está associada a uma maior incidência de sintomas depressivos. Além disso, variantes de TDM, como a "depressão sem tristeza" e a "depressão vascular", apresentam manifestações únicas em idosos e requerem atenção especial no diagnóstico e tratamento (ZHANG *et al.*, 2022).

Para o tratamento, recomenda-se uma combinação de intervenções psicoterapêuticas e psicofarmacológicas. Terapias como a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) e a Terapia de Resolução de Problemas (PST) têm mostrado eficácia em idosos. A TCC ajuda os pacientes a reestruturarem padrões de pensamento desadaptativos e a se envolverem em atividades comportamentais positivas, enquanto a PST melhora as habilidades de resolução de problemas (SUN *et al.*, 2023).

Antidepressivos podem ser utilizados para tratar sintomas mais graves, mas devem ser administrados com cautela, iniciando-se com doses baixas e aumentando gradualmente. A seleção de antidepressivos deve levar em consideração possíveis interações medicamentosas e contraindicações relacionadas ao tratamento do câncer (SUN *et al.*, 2023).

Em conclusão, o manejo da depressão em idosos com câncer requer uma abordagem

holística e individualizada, considerando as necessidades específicas dos pacientes e envolvendo tanto intervenções psicossociais quanto medicamentosas. A colaboração entre oncologistas, psiquiatras e outros profissionais de saúde é essencial para otimizar os resultados terapêuticos e melhorar a qualidade de vida desses pacientes (SUN et al., 2023).

CONCLUSÃO

A revisão narrativa sobre o manejo da depressão em pacientes oncológicos destacou a prevalência significativa da depressão grave nesses pacientes e seus impactos adversos na qualidade de vida, adesão ao tratamento e prognóstico clínico. Evidenciou-se que a depressão é particularmente comum entre pacientes com câncer de mama e idosos com câncer, cada grupo apresentando desafios específicos para o diagnóstico e tratamento.

Os estudos analisados indicam que a depressão em pacientes com câncer é frequentemente subdiagnosticada e subtratada, devido a uma variedade de fatores, incluindo a sobreposição de sintomas depressivos com os efeitos do câncer e de seu tratamento, bem como equívocos sobre a "normalidade" da depressão em pacientes oncológicos. O manejo adequado da depressão nesses pacientes requer uma abordagem integrada que inclua tanto intervenções farmacológicas quanto psicossociais.

Os antidepressivos, como os ISRS e IRSN, são eficazes no alívio dos sintomas depressivos e na melhoria da adesão ao tratamento oncológico, embora a escolha do antidepressivo deva ser personalizada considerando o perfil do paciente e possíveis interações medicamentosas. Além disso, a combinação de tratamentos farmacológicos com terapias psicossociais, como a terapia cognitivo-comportamental, tem mostrado resultados promissores.

Em particular, a depressão em idosos com câncer representa um desafio significativo, exigindo uma abordagem multidisciplinar e individualizada para garantir a identificação e o tratamento adequados dos transtornos depressivos. Avaliações regulares e abrangentes da saúde mental, incluindo o uso de medidas de rastreamento da depressão, são essenciais para melhorar a qualidade de vida desses pacientes.

A revisão também destacou a necessidade de estudos futuros para explorar os mecanismos subjacentes à associação entre depressão e pior prognóstico em pacientes oncológicos, bem como para avaliar o impacto das intervenções direcionadas à depressão na



sobrevida desses pacientes. Em última análise, o manejo da depressão em pacientes oncológicos deve ser considerado uma parte crucial do cuidado integral, visando não apenas a melhora dos sintomas depressivos, mas também a otimização dos resultados oncológicos e a qualidade de vida dos pacientes.



REFERÊNCIAS

RIVEST, Jacynthe *et al.* Patients with cancer: Clinical features, assessment, and diagnosis of unipolar depressive disorders. **UpToDate**, [S. l.], p. n.p., 13 maio 2024. Disponível em: <https://www.uptodate.com/contents/patients-with-cancer-clinical-features-assessment-and-diagnosis-of-unipolar-depressive-disorders>. Acesso em: 25 jun. 2024.

AYDIN, Measure *et al.* The Effect of Exercise on Life Quality and Depression Levels of Breast Cancer Patients. **Asian Pac J Cancer Prev**, [S. l.], p. 725-732, 1 maio 2021. DOI <https://doi.org/10.31557/apjcp.2021.22.3.725>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33773535/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

WU, Xueyao *et al.* Investigating the relationship between depression and breast cancer: observational and genetic analyses. **BMC Med**, [S. l.], p. n.p., 4 maio 2023. DOI <https://doi.org/10.1186/s12916-023-02876-w>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37143087/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

WANG, Xuan *et al.* Prognostic value of depression and anxiety on breast cancer recurrence and mortality: a systematic review and meta-analysis of 282,203 patients. **Mol Psychiatry**, [S. l.], p. 3186-3197, 25 dez. 2020. DOI <https://doi.org/10.1038/s41380-020-00865-6>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32820237/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

LOPEZ-RODRIGUEZ, María *et al.* New Technologies to Improve Pain, Anxiety and Depression in Children and Adolescents with Cancer: A Systematic Review. **Int J Environ Res Public Health**, [S. l.], p. n.p., 19 maio 2020. DOI <https://doi.org/10.3390/ijerph17103563>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32438762/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

BIPARVA, Akbar *et al.* Global depression in breast cancer patients: Systematic review and meta-analysis. **PLoS One**, [S. l.], p. n.p., 26 jul. 2023. DOI <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0287372>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37494393/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

WALKER, Jane *et al.* Major Depression and Survival in People With Cancer. **Psychosom Med**, [S. l.], p. 410-416, 1 jun. 2021. DOI <https://doi.org/10.1097/psy.0000000000000942>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33938501/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

REANGSING, Chuntana; PUNSUWUN, Sasinun; KELLER, Kristine. Effects of Mindfulness-Based Interventions on Depression in Patients With Breast Cancer: A Systematic Review and Meta-Analysis. **Integr Cancer Ther**, [S. l.], p. n.p., 22 jan. 2023. DOI <https://doi.org/10.1177/15347354231220617>. Disponível em:



<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38140816/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

SUN, Mengying *et al.* Effects of Physical Activity on Quality of Life, Anxiety and Depression in Breast Cancer Survivors: A Systematic Review and Meta-analysis. **Asian Nurs Res (Korean Soc Nurs Sci)**, [S. l.], p. 276-285, 7 nov. 2023. DOI <https://doi.org/10.1016/j.anr.2023.11.001>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37944798/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

VITA, Giovanni. Antidepressants for the treatment of depression in people with cancer. **Cochrane Database Syst Rev**, [S. l.], p. n.p., 31 mar. 2023. DOI <https://doi.org/10.1002/14651858.cd011006.pub4>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36999619/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

CARAYOL, Marion *et al.* Short- and long-term impact of adapted physical activity and diet counseling during adjuvant breast cancer therapy: the "APAD1" randomized controlled trial. **BMC Cancer**, [S. l.], p. n.p., 25 jul. 2019. DOI <https://doi.org/10.1186/s12885-019-5896-6>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31345179/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

SARACINO, Rebecca; NELSON, Christian. Identification and treatment of depressive disorders in older adults with cancer. **J Geriatr Oncol**, [S. l.], p. 680-684, 10 set. 2019. DOI <https://doi.org/10.1016/j.jgo.2019.02.005>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30797709/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

ZHANG, Lemeng *et al.* Cognitive behavioral therapy for anxiety and depression in cancer survivors: a meta-analysis. **Sci Rep**, [S. l.], p. n.p., 12 dez. 2022. DOI <https://doi.org/10.1038/s41598-022-25068-7>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36509786/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

MARINOVIC, Debra; HUNTER, Rebecca. Examining the interrelationships between mindfulness-based interventions, depression, inflammation, and cancer survival. **CA Cancer J Clin**, [S. l.], p. 490-502, 21 set. 2022. DOI <https://doi.org/10.3322/caac.21733>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35709081/>. Acesso em: 25 jun. 2024.